

PROFESSORES DE HISTÓRIA E SUAS REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS

Jaqueline Scalzer*

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo a análise da forma como os professores de história constroem suas representações identitárias, bem como os reflexos desta em sua prática cotidiana. Partindo do pressuposto de Pesavento de que as identidades são sempre múltiplas, foi possível perceber que os referenciais utilizados na construção da representação identitária dos professores pesquisados estão diretamente relacionados à forma como eles se percebem; à forma como os demais professores do grupo os vêem e a visão que seus alunos têm dos mesmos. O que nos leva a concluir que as representações identitárias são matrizes de práticas sociais, guiando as ações e pautando as apreciações de valor, traduzindo-se em discursos e imagens altamente mobilizadores das práticas do grupo.

Palavras-chave: representação, identidade e práticas.

HISTORY OF TEACHERS AND YOURS IDENTITIES REPRESENTATION

Abstract: This work aims at the analysis of how teachers construct their own story of identity and the consequences of this in their daily practice. PESAVENTO on the assumption that identities are always multiple, could see that the benchmarks used in the construction of the identity representation of the teachers surveyed are directly related to how they perceive, the way the other teachers in the group and see the vision that their students are the same. What leads us to conclude that the representations are identity matrices of social practices, guiding actions and guided the assessments of value, translating into words and images of highly attractive practice group.

Key words: representation, identity and practices

Representações, identidades e práticas docentes

Esse trabalho é parte de minha pesquisa de mestrado que, dentre outras questões, buscou responder em que medida a representação identitária que o professor constrói sobre si e, conseqüentemente, do outro, interfere na sua prática e na elaboração do saber ensinado. Dessa forma faz-se necessário definir conceitualmente o termo “*identidade*” bem como discutir os elementos que atuam nessa construção sócio-cultural. Segundo Pesavento (PESAVENTO, 2004, p.89-90):

Enquanto representação social, a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da idéia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a

* Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Historiadora, especialista em História do Brasil, mestre em Educação pelo PPGE da UFES e doutorando em Educação pelo PPGE da UFES.

identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e estabelece a diferença. A identidade é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou ao nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro. [...] Para elaboração identitária, que cria o sentimento partilhado de pertencer a um grupo dado, as identificações se dão a partir do defrontamento com o outro, identificações de reconhecimento estas que podem ou não guardar relações de proximidade com o real. As representações de identidades são sempre qualificadas em torno de atributos, características e valores socializados em torno daqueles que integram o parâmetro identitário e que se colocam como diferencial em relação à alteridade.

Como se pode perceber, a idéia de pertença é crucial na construção de identidade por parte do indivíduo. Para desenvolver este sentimento faz-se necessário a localização de um grupo com o qual ele se assemelhe em função de alguns critérios previamente estabelecidos. Quase sempre esses critérios também são social e historicamente pré-definidos levando em conta traços pessoais subjetivos e objetivos e aspectos profissionais, o que nos coloca diante do que alguns autores denominam de identidades múltiplas, ou seja, temos diferentes identidades dependendo dos critérios estabelecidos e do referencial determinado. Assim, inicialmente, os professores observados tenderam a se localizarem dentro do grupo identitário dos “*professores de História*”, o que a princípio já lhes confere alguma identidade, pelo menos no âmbito profissional. É importante ressaltar que este lugar que o identifica também o relaciona a um estereótipo carregado de simbolismos. Este estereótipo provém das expectativas socialmente elaboradas tendo como referenciais a comunidade científica a qual o indivíduo se vincula e as demandas que a sociedade constrói em função de um dado contexto para o ocupante de determinada função. Daí decorre um segundo elemento de identificação, pois dentro de cada grupo identitário constroem-se referenciais que dão origem a dois outros estereótipos que se impõem como modelos em extremos opostos, surgindo assim o que seria o referencial positivo de professor de História e o referencial negativo.

Chartier (CHARTIER, 1990, p. 111-112) trata da seguinte forma a relação entre identidade e representação:

[...] o ser social do indivíduo é totalmente identificado com a representação que dele é dada por ele próprio ou pelos outros. A realidade de uma posição social não é mais do aquilo que a opinião considera que ela é [...] Essa representação da posição pela forma tem várias implicações importantes: fundamenta uma economia aristocrática da ostentação que regula as despesas atendendo às exigências da posição que se quer ocupar; constitui as hierarquias da etiqueta como o modo de aferição dos distanciamentos sociais; faz dos diferentes papéis e lugares no cerimonial de corte o desafio essencial da competição social. Numa formação como esta, a construção da identidade de cada indivíduo situa-se sempre no cruzamento da representação que ele dá de si mesmo e da credibilidade atribuída ou recusada pelos outros a essa representação.

Dessa forma, em busca de uma localização social, o professor de História cria uma representação identitária por meio da forma como ele percebe a si próprio e pela forma como os demais o percebem, sejam eles integrantes do mesmo grupo ou não. Como esta representação identitária o inscreverá em todas as implicações da posição que ocupa, ele buscará identificar o referencial positivo do grupo no qual ele se inscreve, a fim de estabelecer parâmetros de identificação com este referencial, resultando daí um sentimento de pertença ou de exclusão, bem como as respectivas práticas decorrentes do sentimento desenvolvido.

Para elaborar cada um desses referenciais (positivo e negativo), leva-se em consideração elementos técnicos, práticos e subjetivos. Normalmente, em se tratando do professor de História, considera-se a matriz historiográfica de referência e a corrente pedagógica adotada, cuja interação resultará em implicação direta sobre a seleção de conteúdos e os critérios para o mesmo, a metodologia desenvolvida no processo ensino-aprendizagem, a forma de avaliar, o relacionamento que estabelece com o aluno e o comprometimento com seu trabalho pensando-o para além dos limites estabelecidos pela rotina escolar (quatro horas diária, cinquenta minutos por turma, conteúdos para dar prova e obter uma média para apresentar ao conselho e aos pais...). Em conversa informal com um aluno da escola C¹ durante o recreio no meu primeiro dia de observação das aulas ele me perguntou se eu não estava assustada com a forma como a professora (R.C.) ministrava suas aulas. Para que não houvesse equívocos em nosso diálogo, com entendimentos dedutivos, pedi que ele fosse mais específico e ele disse:

Você sabe! O jeito que ela fala... Os gritos que ela dá de vez em quando. Aquele jeito meio doido! Bom, você também é professora de História né?! Acho que professor de História é meio doido mesmo. Bom, mas nem todos. A professora com quem eu faço reforço a tarde não grita nem dá 'esporro'. Mas ela é diferente! Nem parece professora de História! (B.M., aluno da 8ª série A da escola C).

Percebemos pela fala do aluno, que eles também criam um estereótipo para os professores de História, embora não saibamos ao certo até onde, o contato com os professores que encontram ao longo de sua vida escolar, interfiram nesta construção. Todavia, esta representação dos alunos pareceu-me se aproximar muito da representação que o próprio professor constrói de si mesmo. Vejamos como a professora R.C. avaliou sua prática pedagógica quando solicitada que o fizesse por ocasião da entrevista.

Vou começar falando dos meus defeitos. Eu sou nervosa! Eu me dedico muito ao meu trabalho e não admito gente preguiçosa, menino que não faz dever e menino que não pára quieto pra me ouvir. Então eu grito com os meninos... Essas coisas!

¹ Uma das escolas em que realizei minha pesquisa, localizada em Vitória, ES, pertencente à rede municipal de ensino.

Mas, já estou melhorando! Fui ao médico e já estou um pouquinho melhor. Mas eu tenho uma prática pedagógica que eu acho pelo menos razoável, porque eu gosto. Eu gosto de ser professora! Nunca vou ser rica, mas eu tenho prazer naquilo que eu faço; e os meninos vêem isso. Eu não acho que a minha prática é melhor que a de ninguém; mas também não é pior. E a minha tentativa é de estar sempre melhorando.

Na fala desta professora, pode-se notar que ela também se percebe como agitada, exigente, ríspida, o que ela expressa por meio de gritos e corretivos que têm como único objetivo, conforme ela mesma colocou, envolver o aluno na aula que ela preparou com tanto esmero e dedicação. A seguir ela avalia sua prática a partir do referencial de alteridade, buscando estabelecer uma relação com o fazer do outro e, indiretamente, com um parâmetro identitário quando ela diz que sua prática não é melhor nem pior do que a de ninguém, ou seja, ela busca se localizar dentro de seu grupo de pertencimento em um patamar regular, sem colocar-se explicitamente no lugar do referencial positivo, mas guardando a devida distância do referencial negativo, de modo a delimitar um espaço legítimo para sua prática enquanto objeto em construção, consciente de suas limitações e buscando melhorias frequentes.

Logo, pode-se aferir que a prática da professora reflete em grande medida a representação identitária que ela possui de si mesma, pois foi por meio destas práticas que o aluno mencionado a “caracterizou”. De igual modo essa representação positiva que ela possui de si, inclusive reconhecendo pontos que necessitam de mudança, foi de grande relevância na elaboração de suas práticas, uma vez que, nas observações que fiz de suas aulas, pude acompanhar o desenvolvimento de várias atividades que exigiram extrema dedicação, como um trabalho em conjunto com a professora de Matemática no qual, utilizando-se da geometria, os alunos confeccionaram cubos utilizados para construção de um zigurate. Durante aulas observadas, a professora apresentou aos alunos, paralelo ao conteúdo abordado, fotos de visitas que havia feito a Istambul, envolvendo-os em uma viagem imaginária que misturava passado e presente. Logo, percebe-se que a dedicação, o comprometimento e o esforço da professora em preparar boas aulas se identificam com a representação que ela tem de si. Esta representação gera práticas que, por sua vez, geram representações dos alunos sobre o professor e este, reelabora sua auto-representação em função da representação que seus alunos demonstram ter dele por meio da receptividade ou negação da prática que se efetiva no fazer cotidiano.

Podemos ampliar e melhor demonstrar essa relação estreita entre representação e prática na construção da identidade do professor, pela análise de depoimentos e situações vividas por outros dois professores que participaram da pesquisa.

O professor R.D., quando solicitado que avaliasse sua prática pedagógica respondeu que:

Eu procuro desenvolver meu trabalho da maneira mais eficiente que eu puder. Agora, a gente sabe, até mesmo através do aluno, que nem sempre a gente alcança. Eu acho que se eu for avaliar o que faço, eu me encontro numa situação até confortável, porque o interesse dos alunos pode ser utilizado como um parâmetro para avaliar sua prática, considerando o contexto atual, em que há um desinteresse muito grande por grande parte dos alunos; e eu consigo despertar o interesse deles, da maioria.

Eu acho que minha prática é um misto, mas o tradicional, aquele tradicional que você via há alguns tempos atrás, é o que menos tem. Eu não saberia classificar, mas ela se baseia na idéia de interação com os alunos, mostrando que a história não é apenas aquele conjunto de fatos. Eu trabalho com o conteúdo, mas com o objetivo de tornar o aluno um sujeito social crítico e participativo. Não é o conteúdo pelo conteúdo (crítico social dos conteúdos).

E a professora A.M. respondeu da seguinte forma à mesma pergunta:

Pelo rendimento do aluno. Sempre uma concepção de ensino-aprendizagem que determina compreensão dos papéis de professor e aluno, da metodologia, da função social da escola e dos conteúdos a serem trabalhados.

Na fala do professor R.D. nota-se que ele se define mais pelo o que ele não é do que pelo o que ele é, o que já foi mencionado no trabalho de Cardoso anteriormente citado. Todavia, chama a atenção o enfoque político que ele dá na caracterização de si, o que consequentemente reflete em sua prática. Em uma das atividades que acompanhei com este professor ele, e os demais professores de História da escola A, desenvolveram um projeto intitulado *“Eleições e consciência política: política é coisa séria”*, no qual cada oitava série lançava um candidato à presidência e, junto com uma equipe composta por um aluno de cada turma da escola, elaborava sua plataforma política. O período de campanha contou com discursos nos recreios, corpo a corpo na entrada, no recreio e na saída, debates, horário político na rádio da escola, comícios de sala em sala com distribuição de material e tudo o mais. Nos comícios das salas de aula, os candidatos, assessorados por sua equipe, apresentavam sua proposta de governo, ouviam questões e respondiam perguntas dos alunos e dos respectivos professores. O encerramento da campanha foi no salão que a escola possui, reunindo alunos e comunidade (que também foi convidada a participar) para uma palestra

com um professor de Geografia e militante político cujo tema foi “Pobreza política”. Em seguida, cada candidato assinou um termo de compromisso contendo sua plataforma de campanha². A eleição contou com duas urnas eletrônicas cedidas pelo TRE e foi o maior sucesso. Alguns alunos trouxeram os pais para que eles o vissem votar pela primeira vez em uma urna eletrônica. O resultado saiu horas depois. Durante todo esse tempo em que o projeto estava se desenvolvendo, falava-se em política nos corredores, no pátio, nos banheiros, no refeitório, enfim, a escola respirava política. E, junto com a política do projeto da escola, discutia-se também o processo político que o país vivia, ou seja, a eleição para Presidente, Governador, Senador e Deputados. A cerimônia de posse foi presidida pelo professor de História por mim observado, R.D., contando com a presença de toda a comunidade escolar e alguns membros da comunidade circundante, sobretudo pais de alunos (do eleito inclusive). A faixa foi entregue pela diretora da escola; o candidato eleito discursou, fez juramento baseado em sua plataforma, que foi retomada e prazos foram estabelecidos seguindo critérios de prioridade. No final do ano letivo houve assembléia para avaliar o desempenho do “presidente”, comparando-o com as propostas de ação contidas em sua plataforma política. O projeto não se encerrou com a eleição porque, para além de se conhecer o desenrolar da política em época de campanha, um dos objetivos do projeto era que os alunos pudessem penetrar no universo político sentindo seus entraves e suas possibilidades, a fim de desenvolver uma análise mais profunda com respeito à prática política, problematizando o espaço escolar que foi o universo escolhido (simbolizando o país) e buscando soluções possíveis bem como o consenso em um meio conflitivo.

Quando, no intervalo entre uma aula e outra, eu tive a oportunidade de conversar com a turma que estava sendo observada (8ª série “E”, turno vespertino, 23 alunos), eles me disseram que

Esse professor só pensa em política, tudo é política. O preço do leite subiu. É política! O pai de um aluno perdeu o emprego. É política! A gasolina subiu. É política! Parece que ele quer explicar o mundo com a política! Mas suas aulas são super legais. O passado e presente ficam tão próximos que quase não dá pra separar uma coisa da outra!

Considerações finais

Em virtude do disposto, pode-se concluir que existe uma relação entre a *representação* que o professor tem de si, sua *prática* e a *representação* que os alunos têm dele. Tanto este

² Ficou acordado que o universo de ação dos candidatos seria a escola a fim de possibilitar a continuidade do projeto.

professor como a professora A.M., da escola B, disseram que avaliam sua prática pedagógica tomando como referencial o aluno, quer seja pelo seu rendimento, quer seja pelo seu interesse. O fato é que o aluno, por meio das respostas que ele dá às ações do professor, deixa transparecer a *representação* que possui do mesmo, da disciplina e da forma como ela é trabalhada. Essa resposta, fundamentada na *representação*, irá interferir na *representação* que o professor tem de si mesmo que, por sua vez, interferirá na sua *prática* visando alterar ou não a *representação* que o aluno possui dele. Assim, desenvolve-se uma dinâmica na relação professor-aluno com base nas *representações e práticas* que fazem parte da construção identitária do professor, pois conforme Pesavento (2004), as representações identitárias são matrizes de práticas sociais, guiando as ações e pautando as apreciações de valor, traduzindo-se em discursos e imagens que, muitas vezes, cumprem a função de verdadeiros ícones, altamente mobilizadores das práticas do grupo.

REFERÊNCIAS

1. CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: - 1. Artes de fazer. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
2. _____. A escrita da História. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 2000.
3. CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.
4. _____. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1999.
5. _____. Cultura escrita, Literatura e História. Porto Alegre: Artmed, 2001.
6. PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.